

# O OVARENSE

JORNAL POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Anno sem estampilha. . . . . 1\$000 reis  
Semestre sem estampilha. . . . . 500 reis  
Anno com estampilha. . . . . 1\$200 reis  
Semestre com estampilha. . . . . 600 reis

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Annuncios cada linha. . . . . 50 reis  
Repetição. . . . . 25 reis  
Comunicados, por linha. . . . . 60 reis  
Os srs. assignantes tem o desconto de 25 p. c

Proprietario e Editor—Placido Augusto Veiga

## O regabofe

Continua o regabofe governamental.

Como um fidalgo arruinado, d'antigas eras, vamos gastando desabridamente, creando despesas inuteis, quando as receitas são cada vez mais insufficientes e já não temos quem nos queira emprestar dinheiro.

Ha dias ainda, quiz o governo levantar um emprestimo; armou-se com a necessaria auctorisação das camaras. Mas logo que o negociador chegou ás praças estrangeiras encontrou as portas fechadas. Sem credito e quasi nada mais tendo para hypothecar, mandava o bom senso que economisássemos o mais possivel, cortando por todas as despesas desnecessarias e que apenas representam luxo ou verdadeiras conesias d'afilhados.

Porém o governo entende que o melhor é illudir o povo com relatorios mentirosos sobre o resultado da fazenda publica e continuar o regabofe, sentando á meza do orçamento os seus compadres e todos aquelles, que lhe fazem sombra.

Ha-de o povo pagar ?

Uma nação precisa de dinheiro para viver. O antigo calote é, nos tempos modernos, uma coisa impossivel. Ha despesas urgentes que se não podem adiar. Os melhoramentos nas colonias impõem-se por causa da concorrência com os outros paizes. D'ahi o avolumarem-se as despesas extraordinarias.

E o governo não pôde parar, porque parar é morrer.

Visto que as praças estrangeiras se fecharam ao nosso governo, temos de nos remedear com a prata de casa, como dizia o sr. Dias Ferreira.

O peor é que em casa nem ha ouro, nem sequer prata, para pagar os compromissos de lá de fóra. Ficam-nos apenas os «papellinhos» enquanto o banco não estostrar e o mercado os acceitar como a melhor moeda possivel.

Para supprir pois o «deficit» dos orçamentos é necessario recorrer não ao emprestimo, porque ninguem empresta, mas ao imposto, sobrecarregando mais e sempre mais o commercio e a agricultura.

Afinal quem paga tudo, é o povo, victima expiatoria do regabofe dos ministros.

Commissarios régios, inspectores do sello, fiscaes da emigração, plenipotenciarios, tudo tem o ministerio inventado para despachar amigos, para pagar serviços eleitoraes.

Só admira, que ainda se não nomeassem embaixadores para seis ou sete regiões da lua, porque os modernos empregados prestam ao paiz tantos serviços como os embaixadores lunaticos. A maior parte d'esses inspectores e zeladores não sahem de Lisboa, o que não obsta a receberem os seus grossos ordenados; e os que vão occupar os seus postos fazem o papel de sr. Neves Ferreira, na India, ou do sr. Soveral, em Inglaterra, pondo o nosso nome pelas ruas d'amargura.

Pois não seria melhor, mais justo cortar a golpes largos por essas dispendiosas conesias e aliviar um pouco o povo dos pesados encargos, que o oneram ?

Era, ninguem o pôde duvidar.

Mas aliviando o povo de parte dos impostos, era necessario acabar, por inuteis, com muitos outros empregos; e d'ahi provinha um outro mal para os ministros, como era o desaparecerem logares onde collocassem os muitos afilhados.

Pensando um pouco, vê-se que os interesses dos nossos governos estão na razão inversa dos interesses do povo. Este sofre sempre com o regabofe d'aquelle; mas o regabofe parece ser indispensavel á vida dos governos do nosso paiz.

Queixam-se os jornaes do povo ficar indifferente perante semelhante estado de coisas.

Mas o povo que ha-de fazer?

Revoltar-se? Protestar dentro dos limites da lei ?

Nem tinha mais que fazer !..

Se se revolta, arcabuzam-no: se protesta dentro da ordem, riem-se d'elle. Exemplo da primeira, 31 de janeiro: exemplo da segunda, a dissolução das associações de Lisboa.

Por isso é melhor a indifferença do povo, do que os protestos.

Segue o regabofe. Aonde irá parar é o que ninguem sabe. Mas certamente não irá muito longe.

### Pesca

Tem sido de pouco resultado o trabalho de pesca durante a semana finda.

Na segunda-feira as companhias trabalharam, mas porque o mar andava bastante corrido com o vento, as redes pouco pescaram e uma d'ellas rompeu tendo bastante prejuizo.

Até sexta-feira foi o mar ruim, trabalhando as companhias n'este dia e colhendo apenas *petinga*, mas pouca.

A safra que começou boa, apresenta agora fraco aspecto.

### No concelho

Segundo ouvimos dizer, n'uma das ultimas sessões da camara municipal já começou a discutir-se a maneira de pôr cobro ás injustiças que se dão no concelho com o imposto do real d'agua municipal.

Não está assente se no futuro se cobrará a mesma taxa, ou se ella diminuirá, visto tornarse mais extensa a materia collectavel.

Sobre esta ultima parte não exprimimos opinião, porque só quem está á testa da administração é que pôde bem calcular as receitas e despesas necessarias. São muitas e urgentes as despesas a fazer n'um municipio tão importante como o nosso. São dispendiosas as obras já começadas e impõe-se á camara a necessidade de mandar construir outras não menos importantes.

Por isso só quem dirige a

administração pôde calcular, se o velho imposto, tornado mais geral e mais equitativo, deve conservar a mesma percentagem ou menos.

Confiamos em absoluto na intelligencia, energia e illustração dos nossos administradores: elles resolverão o que fór justo e sensato.

Egualmente sabemos que a camara trabalha em colher os necessarios elementos para organizar a matriz da contribuição do trabalho, que por lei é obrigada a pôr em execução.

Já ha muito que as camaras d'este concelho deviam ter organizado este serviço, que lhes era imposto pelos codigos administrativos. Mas nenhuma o quiz fazer.

Em virtude d'esta contribuição pôdem as freguezias do concelho proceder aos melhoramentos, cada uma dentro da sua área, sem onerar demasiadamente a freguezia d'Ovar, como até agora tem succedido.

Bastará dizer que quando o real d'agua municipal rendia mais de oito contos de reis, as tres freguezias do norte concorriam para aquella verba com 800\$000 reis, e Vallega e S. Vicente com 500\$000 reis, vindo por isso a freguezia d'Ovar a pagar reis 6:700\$000. Ora as tres freguezias do norte custavam ao municipio mais de 1:500\$000 reis em cada anno: e só Vallega, com a construcção de estradas custou na ultima gerencia mais de reis 1:3000\$000 annuaes.

Por esta fórma a freguezia, séde do concelho carregava com as suas despesas ordinarias, com o pagamento de todos os empregados da camara, com todas as suas despesas extraordinarias, e ainda com o *deficit* que deixa o hospital.

Isto não podia continuar assim, porque dentro em pouco, seria difficillimo acudir ás reparações do que existe na villa, nada se poderia fazer no Furdouro, que de tantos melhoramentos carece, e na villa, centro do concelho nade se emprehenzeria.

Com a reforma do imposto do real d'agua, nos termos em que a camara o ha-de collocar, e com a prestação do trabalho pôdem dividir-se por grupos de freguezias os rendimentos do municipio, e cada grupo de freguezias que gaste o que realmente paga para o cofre do municipio.

E bastará que a nossa freguezia fique pertencendo o pagamento das suas despesas proprias, dos empregados municipaes e do *deficit* avultado do Hospital.

Com esta divisão de receitas todos poderão obter melhoramentos n'uma proporção razoavel; e não succederá como até aqui que algumas freguezias absorvam, em detrimento das outras, a receita disponivel.

Se a matriz de prestação do trabalho fór bem organizada, a camara tirará uma importantissima receita, sem onerar a sério os municepes, pois que cada contribuinte, na qualidade, que fór inscripto, sómente será obrigado a prestar em cada anno um dia de trabalho.

E' certo que no começo de qualquer trabalho ha sempre erros e defeitos, impossiveis de evitar e que em cada anno futuro se corrigirão. Nós confiamos do zelo e probidade dos cavalleiros a quem o serviço da organização da matriz está entregue. Tem elles, segundo nos consta, procurado colher todos os elementos indispensaveis para fazer uma obra boa.

### Rectificação

Na noticia, com a epigraphe «Nova recelta municipal», publicada no nosso jornal de domingo passado, onde se lê, por lapso typographico—«que foram entregues á camara 600\$000 reis»—Jeve ler-se: «que foram entregues á camara municipal do nosso concelho, como informou o ex.<sup>mo</sup> sr. vice-presidente, dr. Soares Pinto, na sessão de terça feira, 14 do corrente, 6:300\$000 reis nominaes em inscrições d'assentamento com os juros vencidos nos dois semestres, producto da venda das areias ao sul da estrada do Fu-

radouro e que hoje constituem os terrenos da companhia do Carregal, em parte agricultados.» Fica por esta forma feita a rectificação.

## In illo tempore...

Durante tres longos annos o *homem* ruminou artigos do nosso jornal. Levou tempo a architectar a resposta, para resuscitar a resposta á syndicança, que Deus haja e da qual ninguem se lembra

E' verdade que n'esse tempo, os *novos* tinham tomado o jornal e não consentiam, que elle viesse disparar asneiras com a mesma semceremonia com que o pozeram fóra da chefia do partido.

Ruminou, ruminou e afinal vem copiar e criticar artigos mais velhos do que a Sé de Braga.

Mas em vez de os deixar a dormir o somno dos justos, quer provocar a resposta ao disparate da representação.

Está dito.

Sabe-se bem de quartos processos se serviu o partido do Aralla para conquistar as cadeiras do municipio nos passados tres annos. Essa campanha ingloria e nojentissima deve ficar archivada nos fastos da politica vareira para se desfazer a lenda com que se quiz sempre armar ao effeito perante todos os que veem de longe e não cohecem a nossa historia.

Nem já queremos fallar na celeberrima eleição dos rijões, que deu como resultado a morte de Theotónio e o espancamento barbaro dos eleitores de Arada, nos fuzilamentos dos habitantes da mesma freguezia, poucos annos depois, na expropriação da casa de D. Rita, que trouxe a infelicidade e a desgraça a uma familia inteira, e em todas as eleições anteriores a 1880, nas quaes se não permit-

tia, que os eleitores chegassem ao pé da urna, pois lá estavam os Mellos, Laborins e tantos outros caceteiros, *forças vivas* do grupo.

Esse cadastro medonho, que peza sobre esse grupo, que *in illo tempore*, se jactava de ter o concelho fechado por uma chave, inhibe-o sequer de fallar em quaesquer outros attentados electoraes, que o partido contrario comettesse posteriormente.

Ponhamos, porém, de lado esse cadastro, porque no presente esses homens fornecem os mesmos motivos para serem feridos, já agora que os seus planos não produzem os mesmos resultados.

Apenas se desenhou a campanha eleitoral de 1892, o grupo aralista começou a propalar, que não consentiria que os seus adversarios se approximassem da urna. Na vespóra da eleição de deputados, preparatoria para a almejada eleição municipal, chegou á villa um troço de policia civil do Porto, que logo principiou a exercer violencias incriveis, prendendo em plena praça publica eleitores inermes, espancando outros que foram buscar urnas á casa da camara. Ao mesmo tempo mandava-se ao Furadouro uma força de cavallaria para assustar a classe piscatoria.

A noite anterior á eleição passou-se debaixo d'uma impressão medonha. Os caceteiros aralistas, acompanhados pela policia civil cercavam a igreja matriz, séde da assembleia principal, escalavam este templo por meio de escadas lançadas aos telhados, abriam-se as portas e lá dentro, depois começou a bebedeira, emquanto cá fóra, no adro se davam successivas descargas de tiros.

No dia da eleição estavam logo pela manhã os caceteiros appostos. As chaves da igreja foram tiradas ao sacerdote, que ia para resar a missa primeira e o

povo afugentado. Nem ao presidente da assembleia se permitia que se approximassem da igreja matriz.

Só quando veio os seus partidarios de Arada é que o Aralla com o seu estado maior se apresentou no adro da igreja, emquanto que os caceteiros e os policias não permitiam a aproximação dos politicos adversos.

Então o Aralla pensava que era a occasião de ser eleito deputado e que em seguida triumpharia na eleição camararia.

Mas depois que uma força de infantaria se apresentou no adro da igreja, declarando o commandante, que alli se achava para manter os direitos de todos os eleitores e em seguida appareceu o presidente da assembleia para entrar na igreja, o Aralla estremeceu. Estavam desmoronadas as suas illusões.

Pouco depois fugia da assembleia, levando atraz de si a sua gente, e foram arranjar um simulacro de eleição para Santo Antonio.

No apuramento, a mesma scena, mas já então o Aralla não appareceu.

A eleição camararia feita quinze dias depois, correu na melhor ordem. Já to governo desilludido não dava policia para guardar as costas dos caceteiros, por isso os aralistas ficaram em casa, aguardando melhores tempos.

Entrou na camara a vereação passada.

O infeliz jornal do Aralla encetou a campanha, affirmando que essa vereação nenhuns melhoramentos fazia.

Dias depois era desmentido com a publicação das actas em que se votavam muitos melhoramentos, que se mandavam estudar outros.

O jornal mudou de systema — agora era que a vereação arruinava o concelho com tantas obras.

E como se mandou proceder ao córte da lenha, o Aralla viu

n'isso o meio de realizar o seu sonho, de voltar aos tempos de João de Castro. Suppunha que o povinho se levantaria, bastando assoprar um pouco a chama.

Começou a arruaça com um ou dois ébrios a gritar pelas ruas: em seguida os pasquins pregados pelas esquinas: logo depois o requerimento da primeira syndicança.

Assim se preparava a campanha eleitoral de 1863, afim de offerecer ao ministerio um deputado conjuntamente com o rol dos aralistas, que deviam compôr a commissão camararia por virtude da dissolução, que se pedia.

Ora o governo nem acceptou o deputado, nem o rol; e o sr. Eduardo Chaves, que se habilitava a romper uns fundilhos na cadeira da presidencia da camara, ficou logrado.

Entretanto os aralistas foram-se agarrando ao visconde de Balsemão, que lhes prometteu tudo — policias, força armada e o appoio necessario para o vencimento.

No domingo anterior á eleição começaram os aralistas pela desordem na praça e pelo tiro-teio ás casas do sr. dr. Francisco Fragateiro.

Pensavam aterrorisar e assim afugentar os adversarios, enganaram-se.

Passados dias vinha a esta villa o visconde de Balsemão, para preparar as tropas. Trazia policia e cavallaria. Era o seu fito principal e unico que os progressistas abandonassem a eleição.

Illudiu-se tambem.

No domingo da eleição lá estavam os nossos correligionarios. Eram as violencias sem conta na assembleia d'Ovar. Na assembleia de Vallega os aralistas faziam disturbios e arruaças, apoiados pela policia, a tal ponto que o presidente da assembleia teve de interromper o acto eleitoral. Os aralistas apossam-se então da igreja onde simulam uma eleição, emquanto a caval-

laria e a policia cercava a casa do sr. Antonio Soares Pinto, presidente da assembleia. Na assembleia da villa eram continuas as arruaças, onde o governador civil impedia o administrador, sr. dr. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente de empregar os meios legais para evitar o motim.

O procedimento do governador civil e dos seus acolytos foi de tal ordem que no dia immediato foi mandado retirar para Aveiro e nomeado um distincto militar para o cargo de administrador e commandante de todas as forças militares.

Tomando posse de administrador do concelho a nova autoridade, tudo serenou: os aralistas desanimados julgaram-se perdidos, e se não abandonaram a urna, foi porque tinham esperanças na sua patuscada de Vallega.

As eleições perdidas por grande numero de votos haviam-lhes provado mal, muito mal.

Anciavam pela dissolução da camara, já que a não podiam conquistar por outra forma.

Appareceu-lhes então a idéa de pôr completamente de lado o Aralla, como de facto pozeram e nomear o sr. Eduardo Chaves chefe, dando-lhe o pennacho a fingir. Era a bandeirinha com que acenavam ao ministro das obras publicas.

Das arruaças passaram para as festas e foguetorio, á passagem do ministro.

Apertaram depois com a dissolução da camara e arrelivavam-se com a demora do processo. Todos aquelles que mais ou menos figuravam n'esse processo como delegados do governo eram atacados vivamente por não auxiliarem o grupo.

Veio a campanha eleitoral do anno passado.

Boatos terroristas eram o fundo dos planos.

Como ninguem se importava

## FOLHETIM

### D. Catharina de Bragança

(Fragmento)

#### Conclusão

Uma noite, de verão, voltava Catharina de Windsor, onde tinha ido passar o dia, quando o seu coche foi assaltado e sustido pela população, aos gritos de «Morte á rainha papista.» Em tão critico momento, e quando os guardas já não podiam suster

a multidão, um homem de elevada estatura, e vestido d'um modo estranho, se apresentou ao lado do coche.

— Povo de Londres, sabe que arrancarei a lingua áquelle dentre vós, que tiver a audácia de pronunciar uma palavra contra a rainha.

E acompanhando estas palavras d'um grito particular, n'um instante, uma trintena de homens, vestidos como elle, vieram grupar-se em torno do coche.

— Os quakers! fujamos, gritava a multidão.

Então, o homem de estatura de gigante, inclinou-se para a portinhola, e disse em voz baixa estas palavras á rainha:

— Catharina de Bragança, Thomaz Cooper, vem hoje pagar

uma divida contraida para comtigo.

— Santo Deus! exclamou a rainha; sois aquelle frade...

— Não, sou um quaker, e acompanhar-te-hei até ao palacio...

E em todas as ruas, em todas as praças, os curiosos fugiam diante dos quakers.

Todavia, a conspiração catholica foi seguida de muitas execuções capitaes, e o parlamento foi dissolvido.

Cabeças as mais illustres cahiram sob o cutello do algoz, e Carlos II, ferido de uma apoplexia, morreu a 6 de fevereiro de 1685, com cincoenta e cinco annos de reinado, deixando por successor Jacques II.

— Senhora, disse o novo rei á viuva do seu predecessor, po-

deis ficar no meu palacio, onde gosareis das honras que vos são devidas.

— Sire, respondeu Catharina, os laços que me prendiam á Inglaterra estão despedaçados. Dentro em um mez, voltarei a Portugal, onde sou chamada pelos deveres de familia.

Catharina partiu, com effeito, mas em 1693, isto é quando a dos Stuarts se achou perdida de todo, e que a dynastia de Guilherme d'Orange se assentou sobre o throno de Eduardo III e de Izabel.

A bordo do navio que a conduziu a Lisboa, existia um homem de olhar sombrio e feroz, que não a perdia de vista um instante, a ponto de Catharina o julgar um espião: engano que só foi desfeito no momento em que

punha os pés em terra portugueza.

— Catharina de Bragança, lhe disse então aquelle homem, em voz baixa; tenho cumprido a minha missão até ao fim. Thomaz Cooper não deve já coisa alguma á rainha de Inglaterra.

E com um gesto ameaçador fez-lhe signal de que não tinha resposta dar-lhe.

— Abençoado seja o quaker... disse consigo Catharina de Bragança.

Em 1704, a filha de Leonor de Gusmão, foi nomeada regente, por D. Pedro seu irmão, e um anno depois deixou de existir, legando á casa de Bragança consideraveis thesouros, fructo de suas economias em Inglaterra.

com elles, importunaram o governo para lhes mandar como auctoridade administrativa um homem de força.

O ex-chefe annuncia com espalhafato que vai a Lisboa e que trará a nomeação do almejado.

Voltou o ex-chefe sem nada.

E como remedio arranja—outra syndicancia e um processo crime para o tribunal, nas vespuras da eleição, com requerimento de espalhafato para buscas em varias casas e exames á matta.

As eleições fizeram-se. O Arala foi mais uma vez derrotado, e derrotado para nunca mais se poder levantar politicamente no concelho.

Um grupo que tinha o concelho fechado por uma chave, chegou á triste condicção de perder a eleição em todas as freguezias do concelho, menos na d'Arada.

Continuaremos.

## Novas estradas

Principiaram na segunda feira passada, com grande actividade, os trabalhos do lanço da nova e trada camararia, denominada as Prezas, Pereira Juzan, a Carvalho de Cima, freguezia de Vallega, de que é empreiteiro o nosso amigo, sr. Manoel Joaquim da Silva Valente.

A manhã também dev em principiar, com grande desenvolvimento, os trabalhos do 2.º lanço da nova estrada camararia, da egreja d'Arada a Olho Marinho (estrada districtal n.º 62). E' arrematante d'este lanço o nosso amigo, sr. Manoel Rodrigues da Cruz.

São dois melhoramentos importantes que vão beneficiar altamente os povos d'aquellas duas freguezias e que devem este engrandecimento á vereação transacta.

Subscrição a favor da Associação dos bombeiros voluntarios d'esta villa:

Transporte... 9\$500

## Desastre

Quinta-feira passada, pelas 11 horas da manhã, andando algumas creanças a brincar junto a um poço sem agua e que fica entre a Ponte de Pedra e o lugar de Vallega, cahiu uma d'ellas ao fundo, d'elle, sendo esmagado por um dos muitos cepos de pinheiro que orlavam o poço e que juntamente cahiu.

A creança que se chama José Torres e que recebeu já os primeiros curativos, encontra-se em perigo de vida.

## Mãe desnaturada

Na terça-feira passada, de tarde, andava Joanna Magina, casada com Manoel d'Oliveira, de Vallega, a tocar o boi em um engenho no sitio do Sargagal, da

freguezia de Vallega, e quando se abanou do poço para ver se ainda tinha muita agua, viu que andava boiando um sacco á tona d'agua, avolumado por alguma coisa que dentro continha.

Parando o boi, Joanna Magina chamou seu marido, o qual veio ao local e descendo por uma escada abaixo, foi ao poço examinar o que era. Qual não foi o seu espanto ao examinar que dentro do referido sacco existia uma creança já morta.

Participado o facto ao regedor da freguezia este compareceu immediatamente no local e fez tirar o sacco para fóra; e, examinando-o, viu que continha uma creança do sexo feminino, cujo cada-er, já meio decomposto, mostrava permanecer ali já ha dias.

Participou, acto continuo, o facto ao respectivo juiz de paz de Vallega, que procedeu á autopsia, da qual se concluiu que a creança era de tempo e nasceu com vida, existindo por mais de 10 dias e que foi deitada ao poço com vida.

Tracta-se de descobrir a mãe infanticida.

## Vallega, 23 de julho de 1893.

Na Discussão de doze e dezenove de julho vêm duas correspondencias d'esta freguezia, relativas á Irmandade do SS Sacramento. Esperei que alguém lhes respondesse, mas vejo que as botaram ao desprezo. E tiveram bem. O amigo da verdade diz que a eleição fóra discutida como as que se fazem para qualquer corporação em occasião de luta. E' péta. Que pandego. Pois se não houve opposição. Pois é oppositor um individuo que apparece na occasião a ensinar-lhes os Estatutos porque se rege a mesma corporação, se elles infelizmente, na maioria, senão todos, já máis os viram!

Cimo não-de reger assim uma corporação, cumprindo com as suas obrigações, sem que tropecem e caiam no barranco da asneira. Antes assim, senão diria que esse punhado d'homens que se intitulam associados e que impedem que a associação se estenda, fim primario, queriam só para si o suffragio das missas e como consequencia o Reino do Céu, depois de figurarem n'esta vida e encherem a barriga—grandezas, vaidade das vaidades! mas tanto mais desculpaveis pela sua grande e crassa ignorancia.

O amigo da verdade arrange os Estatutos, que sei que os não tem, ensine-os, que ha-de aproveitar mais o tempo. Mostre-lhe na primeira pagina a palavra Caridade e diga-lhes que é uma virtude.

Artigo 1.º A confraria do SS. Sacramento é uma associação essencialmente catholica, religiosa, etc.

Leia e ensine-os.

Artigo 4.º, artigo 13.º n.º 1, artigo 25.º artigo 27.º que lhes mostra que no mez d'outubro só devem ir buscar a esmola á casa dos associados, pois se os outros são excluidos aos suffragios, segundo o artigo 25.º Mas para que me hei-de estar a cansar.

Não vale a pena. Quero-me consolar de os ver ir a todos para o Céu aos trambolhões, que eu sem ser associado hei-de tambem ir para lá sem tanta algazarra e fuetorio!

Adeus.

## Agradecimento

Os abaixo assignados, agradeçam penhoradissimos, por este meio, por o não poderem fazer pessoalmente, a todas as pessoas que se dignaram acompanhar seu extremoso filhinho Edegar á sua ultima morada, no dia 14 do corrente mez.

A todos protestam o seu eterno reconhecimento.

Ovar, 17 de julho de 1896.

Francisco Lopes da Silva Saleiro, ausente.  
Maria da Silva Dias.

## Agradecimento

Os abaixo assignados, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, veem por este meio agradecer, summamente penhorados, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os pelo fallecimento de seu sempre chorado esposo, genro, irmão e cunhado Jacintho Pinto Pacheco Luzerna; e igualmente protestam a sua inolvidavel gratidão a todos os cavalheiros que se dignaram acompanhar o cadaver até á sua derradeira morada.

Ovar, 11 de julho de 1895.

Roza d'Oliveira de Pinho.  
Antonio d'Oliveira de Pinho.  
Francisco Pinto Luzerna.  
Antonio Pacheco Luzerna.  
Francisco José Pacheco Luzerna.  
Joaquim Facheco Luzerna.  
Anna Rodrigues da Calma.  
Maria da Silva Concência.  
Marianna Correia Vermelho.  
Manoel Rodrigues da Cruz.

## ANNUNCIOS

### Edital

2.ª publicação

O doutor Antonio Joaquim d'Oliveira Valente, Presidente da Camara Municipal do concelho de Ovar:

**F**AÇO saber que, em virtude da deliberação d'esta camara, ha de ir a lanço com a maior publicidade na sala das sessões d'ella, pelas 11 horas da manhã, do dia 26 do mez de julho, e se arrematará definitivamente se assim convier aos interres do municipio, o seguinte:

O fornecimento de pedra para o calcetamento e guias de cantaria para a rua da Fonte, d'esta villa.

As condições da arrematação estarão patentes na secretaria d'esta camara todos os dias a contar da data do presente edital, até ao acima annuciado, onde poderão ser examinadas por quem n'isso se interessar.

E para que chegue ao conhecimento de todos mandei passar este, que affixado será nos logares publicos do costume.

Secretaria da Camara Municipal de Ovar, 7 de julho de 1896. E eu Francisco Ferreira d'Araujo, secretario, o fiz escrever e subscrevi.

O Presidente

Antonio Joaquim d'Oliveira Valente.

## ANNUNCIO

(1.ª publicação)

No dia 2 de agosto proximo, pelas 10 horas da manhã e á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca será posta em praça, por metade da avaliação, e nos autos de carta precatoria vinda do Juizo de Direito da comarca de Aveiro, e extrahida do inventario de menores a que se procedeu por fallecimento de Antonio José Lopes e mulher, uma morada de casas altas, cita no largo da Poça, d'esta villa, que se compõe de casas altas e loja em baixo, escada para as altas, sala com dois quartos, entrada para o mirante, uma saleta com tres quartos, cosinha e varanda para a Poça e saguão, que tudo parte do norte com a rua publica, do sul com a rua Nova, e em parte com as casas baixas do mesmo casal, do nascente com estas mesmas casas e com Joanna Saboga, e do poente com o largo da Poça, avaliada em um conto de reis.

Para a praça são citados todos os credores.

Ovar, 21 de julho de 1896.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Braga d'Oliveira.

O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

## Arrematação

2.ª publicação

No dia 26 do corrente, por dez horas da manhã, no tribunal d'esta comarca, vão á praça para serem arrematadas por quem mais offerecer sobre a avaliação no inventario orphanologico aberto por obito de Francisco da Silva Godinho, morador, que foi, nas Pedras de Baixo, freguezia de Arada, ficando as despesas da praça e a contribuição do registro á custa dos arrematantes:

Uma terra lavradia, chamada a «Quinta», sita nas

Pedras de Baixo, allodial, avaliada em 201\$960 reis.

Outra terra lavradia com o mesmo nome e situação, allodial, avaliada em reis 219\$120.

Outra terra lavradia, tambem com o mesmo nome e situação, allodial, avaliada em 210\$240 reis.

Uma leira de matto e pinhal, chamada as Pedras de Baixo, allodial, avaliada em 100\$000 reis, todas sitas na dita freguezia de Arada.

Os renovos das tres primeiras propriedades não entram na arrematação e ficam sendo do casal.

Por este meio são citados quaesquer credores incertos para uzarem dos seus direitos.

Ovar, 4 de Julho de 1896

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito, 3.º substituto

Descalço Coentro

O Escrivão interino

Francisco Marques da Silva

## Annuncio

1.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da comarca de Ovar e cartorio do Escrivão Frederico Abragão, correm editos de trinta dias, citando o interessado Francisco Mau, ausente na Republica dos Estados Unidos do Brazil para todos os termos do inventario de menores, aberto por obito de Maria Rodrigues, que foi d'Assões, d'esta freguezia, e isto sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Ovar, 23 de julho de 1896.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Braga d'Oliveira.

O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha Abragão.



FARINHA PEITORAL FE. RUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO

Reconhecida como precioso alimento reparador e excellente tonico reconstituente, esta farinha, a unica legalmente auctorizada e privilegiada em Portugal, onde é de uso quasi geral ha muitos annos, applica-se com o mais reconhecido proveito em pessoas de beas, idosas, nas que padecem.

TYPOGRAPHIA

DO

OVARENSE

112, rua dos Ferradores, 112

Esta casa encarrega-se de todo o trabalho concernente á arte typographica, onde serão executados com primor e aceio, taes como :

Diplomas, letras de cambio, mappas facturas, livros, jornaes rotulos para pharmacias, participações de casamento, programmas, circulaes, factura, recibos, etc., etc.

Tem á venda o Codigo de posturas municipaes do concelho de Ovar, contendo o novo addicionamento, preço 300 reis.  
Bilhetes de visita, cada cento, a 200, 240 e 300 reis.  
De luto, cada cento, a 400 e 500 reis.

EDITORES—BELEM & C.—LISBOA

O SELVAGEM

produção de Emilio Richebourg — versão de Lorjô Tavares

Esta obra, uma das que maior nome deram ao seu auctor, e que teve um exito extraordinario na França que lê, desenrola episodios enternecedores, scenas empolgantes e situações altamente dramaticas que mantem o leitor n'uma constante anciedade, pelo seu interesse crescente. Pelo dedo se conhece o gigante. Basta ler os primeiros capitulos d'este soberbo trabalho para se revelar a pena de Emilio Richebourg, o inspirado auctor da «Mulher Fatal», «A Martyr» «A Filha Maldita», «O Marido», «A Espo a», «A Viuva Millionaria», «A Avó» e de tantos outros romances de sensação. «O Selvagem» teve um tal exito de leitura, que hoje se acha traduzido em todas as linguas cultas.

Brinde a todos os assignantes, uma estampa de grande formato representando

REAL SANCTUARIO DO BOM JESUS DO MONTE

Condições da assignatura—Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e 1 estampa.. 50 reis.  
volume brochado 450 reis, pagos no acto da entrega.  
Assigna-se em Lisboa, Rua do Marechal Saldanha, 26.

**GRANDE DICCIONARIO**  
DE  
**LAROUSSE**  
A MAIOR  
E MAIS COMPLETA  
**ENCYCLOPEDIA**  
17 Volumes 4º encadernados

Um VOLUME POR MEZ 6500 REIS (pago á entrega)  
Um VOLUME POR MEZ 6800 REIS (pagamento adiantado)  
PROVINCIA

DIRIGIR OS PEDIDOS A  
**GUILLARD, AILLAUD & C**  
242, rua Aurea, 1º — LISBOA

REMEDIOS DE AYER



**Vigor do cabelo de Ayer**—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

**Peltora de cereja de Ayer**—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

**Extracto composto**

**de Salsaparilha de Ayer**—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrofulas.

**O remedio de Ayer contra sezões**—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sabem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

**Pilulas catharticas de Ayer**—O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TONICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquisita preparação para aformosear o cabelo  
Espa a todas as affecções do cranio, mpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho

SABONETES DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes. — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

PREÇOS BARATOS

Vermifugo de B.L. Fahnestock

E' o melhor remedio contra lombrigas. O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

**SABONETES GRANDES DE GLYCERINA MARCA CASSELS**—Amaciam a pelle e são da melhor qualidade, por preços baratissimos. Deposito geral: James Cassels e C., Rua do Mousinho da Silveira, 85 Porto.

**Perfeito Desinfectante e purificante de JEYES** para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metaes, e cura feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias—Preço 240 reis.

ROMA

A obra mais recente do grande escriptor francez

EMILE ZOLA

Traduzida por Castro Soromenho. E' publicada em fasciculos semanaes de 80 paginas de impressão, pelo preço de 100 reis para Lisboa, e de 120 reis para a provincia.

Pedidos de assignaturas aos editores Guillard, Aillaud & C., rua Aurea, 242, 1—Lisboa.

Aventuras de minha vida

Historia dos ultimos 40 annos do governo francez, contendo a relação dos factos que o auctor presenceou, por

HENRI ROCHEFORT

Tradução de C. do Castro Soromenho.—A obra é publicada

da em fasciculos semanaes de 80 paginas, pelo preço de 100 reis para Lisboa e de 120 reis para a provincia.

Pedidos de assignatura aos editores Guillard, Aillaud & C., rua Aurea, 242, 1—Lisboa.

Jornal de Viagens

E aventuras de terra e mar

Annaes geographicos de portugal

Descobertas portuguezas—A India.

Condições da assignatura

Porto, trimestre . . .	750
Provincia, trimestre . . .	800
Açores e Madeira, semestre . . . . .	1800
Ultramar, anno . . . . .	4500
Brazil, moeda forte anno . . . . .	65000
Numero avulso . . . . .	60

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Deolindo de Castro, rua das Taipas, 29—Porto

Séde da Redacção, Administração e Typographia Rua dos Ferradores, 112—OVAR.